

A validação da experiência

Hélio Sebastião Amâncio de Camargo Júnior

Quase todos temos pessoas especiais para as quais gostamos de contar tudo o que fazemos ou o que acontece conosco. Mais do que isso, parece que o que aconteceu ainda não está consolidado ou ainda não aconteceu de fato enquanto não o contamos para essas pessoas significativas. Essas pessoas com frequência (mas nem sempre) são nossos pais. A importância ou simbolismo que existe em relatar aos pais alguma coisa que fizemos é algo que não pode ser subestimado. Ao contar para eles, buscamos aprovação e admiração da nossa platéia mais seleta. Sem contar para eles, parece que nossa experiência não fica validada.

Lembro-me de muitas passagens. Lembro-me de minha primeira infância: ao jogar futebol, meu pai, por acaso, passava por ali; nesse momento, eu chamei a sua atenção para uma jogada (pai, veja!) e ocorreu-me de fazer um gol naquele momento. Imagino que meu pai tenha achado a experiência curiosa. Talvez tenha me julgado um exibido, quem sabe prepotente. Ou apenas tenha visto tudo aquilo com olhos condescendentes de um adulto que observa uma criança. Pois, para

mim, foi bem mais do que isso. Eu me senti verdadeiramente o máximo tendo me exibido com sucesso, assim, diretamente a ele. Jamais me ocorreu, na época, pensar que, para ele, aquilo poderia ser apenas um fato corriqueiro a mais na vida de seu filho. Para mim, no entanto, aquele episódio marcava uma grossa lista de fantasias: ele me amará mais por isso, a sua admiração por mim será irrestrita, conquistei mais confiança de meu pai, conquistei um lugar privilegiado na família. No turbilhão de emoções de uma criança, eu não conseguia pensar e sentir que eu já tinha

o amor irrestrito dele, já tinha sua aprovação, já tinha sua admiração e que aquele pequeno gol feito por uma criança não era realmente necessário para conquistá-lo nem era, tampouco, uma prova da minha capacidade.



E quantas vezes fazemos coisas apenas para contarmos aos nossos pais ou mostrarmos a eles. Às vezes, os pais escutam os filhos com tolerância ou, até mesmo, indiferença, mas, para o filho que conta, essa experiência pode ter uma simbologia profunda.

O crescimento e o envelhecimento têm suas dores, e uma dessas dores é quando percebemos que já não adianta contar para eles as coisas que nos acontecem. Nesse momento, sentimos que estamos sozinhos. Por mais que saibamos que somos seres essencialmente solitários (nascemos sozinhos e iremos morrer sozinhos), a agregação social e familiar é um lenitivo que nos acompanha em toda a nossa existência. A referência paterna e materna dentro dos nossos corações nos traz companhia nos momentos de solidão e em todos os outros momentos da vida. Não são propriamente nossos pais, mas a imagem deles que temos incrustada em nossos corações. Algo de bom que carregamos conosco. Nesse momento, quando já não podemos contar para eles o que nos aconteceu, seja por doença, seja porque percebemos que eles vivem num mundo diferente e já não nos compreendem, vimo-nos face a face com nossa solidão. A partir dessa constatação, aquele bom objeto que carregamos em nossos corações e em nossas mentes é um objeto mais de memória do que concreto. Tivemos pais ouvintes e acolhedores. A partir desse momento, não os temos mais. Temos as memórias e os exemplos dessa experiência, que são tão ricos e nos acompanharão por toda a vida, mas não temos mais essas pessoas ao nosso lado.

Quando lancei meu primeiro livro, uma obra extremamente simples e

despretensiosa, sua repercussão e a vivência emocional que me trouxe foram mais intensas do que eu esperava. Pessoas me diziam: agora você já teve filho, plantou uma árvore e escreveu seu livro, você já é um ser humano completo e já pode morrer. Essa brincadeira inocente de certo modo refletia o estado de espírito em que me encontrava; não sei por que ter publicado aquele livro me trouxe tanta alegria, mas o fato é que trouxe. Na noite de lançamento, me senti extremamente feliz com a presença de meus amigos, meus colegas de profissão e amigos, meus familiares, minha mãe. Foi uma noite rica de emoções, na qual me senti extremamente acolhido pelos amigos com quem eu compartilho meu tempo de vida aqui na terra. São momentos ricos que nos fazem tão bem. Que seria da vida sem esses momentos especiais? Momentos diferentes de pessoa para pessoa, mais semelhantes no sentido de serem tão especiais.

Ao voltar para casa naquela noite, tive que me deparar com uma realidade muito triste: meu pai não estava lá comigo, ele jamais estaria novamente, porque estava doente, inválido, a ponto de nem me conhecer mais. Como viver esse momento sem poder contar para ele? Que graça tem esse momento se não posso dividir com ele? Muita graça, pois o dividi com minha esposa, com meus filhos; o dividi com meus amigos e colegas; aprendi que não se perde a graça não podendo contar para meu pai, mas também senti a imensa tristeza de não poder contar para ele. Depois eu contei, mesmo que ele não tenha me entendido. E isso me trouxe um pouco de alívio. Mais ou menos como aquele alívio que parece sentir a personagem de um filme quan-

do conversa com alguém já morto diante de seu túmulo. Depois disso, se já não posso mais mostrar algo novo para ele, se ele já não pode mais me ouvir, uma grande parte da graça dessas conquistas, tão pequenas de certo ponto de vista, mas tão grandes do ponto de vista pessoal e individual, está perdida para sempre. Essa é uma tristeza que todos nós carregamos por boa parte da nossa vida e se não soubermos senti-la, ela ficará nos assombrando como uma alma penada no fundo das nossas mentes. Temos que chorar essa tristeza, temos que sentir essa dor.

Dizia Vinícius, que para se fazer um samba (viver uma vida) com beleza é preciso um bocado de tristeza; se não, não se faz um samba não (não se vive uma vida não). Essas perdas nos entristecem tanto porque são perdas de coisas muito preciosas para nós: esses bons objetos internalizados em nossos corações, esses afetos que formaram nosso caráter e nossa autoconfiança, esses carinhos que nos acompanharam por toda a vida e que foram o alicerce que nos manteve inteiros nas tempestades e nos vendavais da nossa existência. Um dia, acordamos e percebemos que não mais podemos contar aos pais nossas experiências, nossas conquistas; não há mais como validar essas vivências, elas terão que ser validadas por nós mesmos. Somos adultos agora, envolvidos em nossa imensa solidão.

**Hélio Sebastião Amâncio
de Camargo Júnior**
é médico em Campinas

O Paletó de Modigliani

Paulo Bomfim

Conheci J. Wasth Rodrigues em 1945, no escritório de Guilherme de Almeida, na rua Barão de Itapetininga, em prédio onde existia o Hotel da Paz e se instalariam, futuramente, a confeitaria Vienense e a joalheria do pai da teatróloga Maria Adelaide Amaral. Foi quando conheci também Conde Frola, revolucionário italiano, e Heraldo Barbuy.

Vim a encontrá-lo, novamente, na Livraria Martins Editora, na Ladeira São Francisco, que, tempos depois, se mudaria para o Edifício Mario de Andrade, na rua Rocha.

Nessa época, o editor José de Barros Martins reuniu em torno de sua personalidade refinada de homem de velha raça figuras exponenciais da civilização paulista. As reuniões em sua residência, na rua Abílio Soares, ocuparam o noticiário de mais de 30 anos da vida cultural de São Paulo. Sua esposa Edith, irmã de Lucy Montoro e da declamadora Lais Pestana e Silva, era a anfitriã perfeita de saraus em que gravitavam escritores, músicos, artistas plásticos, historiadores e visitantes ilustres.

Devo à Editora Martins a publicação de meu *Antonio triste*, em 1947, e de todos os livros que fui escrevendo enquanto a “Martins” existiu.

Wasth Rodrigues, que viria a falecer em 1957, ilustra com seu traço a heráldica do passado bandeirante. Ele, Belmonte e Clovis Graciano formam o tríptico de retratistas da alma de nossa gente, se-

guindo caminhos desbravados por pinéis cablocos de Almeida Junior, dos Dutras e de Benedito Calixto.

Na parede do museu do Tribunal de Justiça, o brasão de São Paulo, de autoria de J. Wasth Rodrigues, ostenta ainda sua primitiva legenda “Pro São Paulo Fiant Eximia”, que evoca o clima de 9 de julho, quando o Palácio da Justiça terminava seu acabamento e preparava-se para ser inaugurado no ano seguinte.

Durante a Revolução Constitucionalista, o Governador Pedro de Toledo determina que o “Pro São Paulo” seja trocado por “Pro Brasília”.

Em 1917, Guilherme de Almeida e J. Wasth Rodrigues vencem o concurso para a criação do brasão da cidade de São Paulo, instituído em 8 de março pelo Prefeito Washington Luis. Nascia naquele momento o “Non Ducor, Duco”, que se tornaria a grife de uma metrópole e de um povo.

Em julho de 1918, aparece o *Urupês* de Monteiro Lobato, com capa de Wasth Rodrigues. O autor de *Tropas paulistas de outrora* ilustra, em 1933, *Brasões e bandeiras*, de Clovis Ribeiro. Um de seus trabalhos mais notáveis é o *Dicionário histórico-militar*, publicado pelo Centro de Documentação do Exército. *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*, com 160 pranchas reproduzindo igrejas, velhas casas e chafarizes, e *Evolução das cadeiras luso-brasileira* são também obras de grande im-

portância para os estudiosos do período colonial e do Império.

No Museu do Ipiranga, encontram-se mais de 40 trabalhos de sua autoria, nos quais, em óleo, aquarela, guache e nanquim, resgata o passado paulista. Na entrada do edifício, deparamos com painéis que pintou evocativos de dom João III, Martin Afonso, João Ramalho e Tibiriçá. Ilustrou também *Salões e damas do segundo reinado*, de Wanderley Pinho, *Santo Antonio de Lisboa, militar no Brasil*, de José Carlos de Macedo Soares, e a *História do Brasil*, de Pedro Calmon.

Ao nos determos no Pouso de Parapicaba, no Caminho do Mar, ou na Ladeira da Memória, diante da arquitetura de Victor Dubugras, nosso olhar passeia pelos azulejos alegóricos de nosso retratado.

Na mocidade, ele, que havia sido aluno de Oscar Pereira da Silva, recebe do governo bolsa de estudo para Paris, onde, na véspera da Primeira Grande Guerra, torna-se amigo de um artista desconhecido, seu vizinho de mansarda.

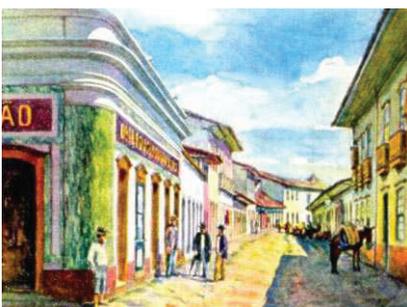
Quando esse pintor livornês muda de residência, troca dois de seus desenhos pelo casaco do colega brasileiro.

Posteriormente, em famoso auto-retrato, o capote de J. Wasth Rodrigues pode ser visto agasalhando, num inverno parisiense, o gênio de Amadeo Modigliani.

Paulo Bomfim

é Príncipe dos Poetas Brasileiros

Arquivo histórico municipal/DPH



Rua da Quitanda, a esquerda da Rua do Comércio, século XIX



Sobrado com Mucharabiê (Rua XV de Novembro), século XIX



Igreja da Consolação, século XIX

Professor doutor César Timo-laria (25/7/1924 – 27/6/2005)

Newton Alves

Tenho a honra, e o orgulho, de ter sido colega de turma – a 15ª Turma da Escola Paulista de Medicina, a nossa gloriosa Escolinha, de 1952 – do César, sua estrela maior.

Fui testemunha do esforço, suor e sacrifício que custou ao César se formar em Medicina. Tendo que trabalhar, por necessidade, durante todo o seu brilhante curso médico, à noite, foi discotecário da extinta Rádio Kosmos, hoje América, de início, e, depois, revisor do jornal *Folha de S. Paulo*, até o final de seu curso.

Filho do humilde, mas radicalmente honesto casal Maria e Luiz Timo-laria, hauriu, com o leite materno, os rígidos princípios de honradez, integridade, decência e brio que nortearam toda a sua vida.

Sem nenhuma crença religiosa (só acreditava na ciência), embora respeitando todas elas, era visceralmente honesto e foi um dos homens mais decentes e dignos que conheci em minha já longa existência.

Tinha horror aos mediócras; dizia-me sempre que dos professores que nada exigiam – os “bonzinhos” – nenhuma lembrança ficou, mas que se recordaria sempre, com saudade e carinho, dos que exigiam que estudasse.

Sabia, porém, dar valor aos que o tinham; assim, orientou e formou uma plêiade de estudantes em seus cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado, ajudando alguns até financeiramente, sem disso jactar-se ou fazer praça. Seu sonho, aliás, como me confidenciou, era

de que seus inúmeros alunos continuassem seu trabalho e suas pesquisas.

A reforma que fez no Departamento que dirigiu por tantos anos na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – foi o fundador da Neurociência brasileira – deixou admirado a todos os que dela tiveram conhecimento.

O professor doutor César Timo-laria quase foi aposentado, em 1975, pelo governo militar de então, denunciado que foi, por um “colega”, como comunista!...

Fluente em inglês, francês, espanhol e italiano, tinha o português escorrito, ático, castiço.

O discurso com que recebeu os novos membros eleitos em 2002 para a Academia Brasileira de Ciências é uma peça de arte oratória e de erudição. Tenho comigo, aliás, um escrito seu em que ele dá uma verdadeira Aula Magna de gramática e língua portuguesa.

Freqüentava os clássicos: Machado, Corção, Castro Alves, Dostoiévsky, Dante, Shakespeare, Cervantes (ele que foi verdadeiro Dom Quixote a lutar contra os moinhos de vento das, muitas vezes, dinossáuricas instituições científicas, não só do Brasil); gostava, e muito, também de músicos como Beethoven, Tchaikovsky, Mozart e do maior de todos, J. S. Bach.

Um dos últimos abencerragens de nossa Cultura e de nossa Ciência, tinha acendrado amor pela nobre profissão que exercia com tanta paixão e tanto dar de si; ensinar era sua vida.

Acolitado por sua dedicada esposa

Mariazinha, companheira de mais de 50 anos – ninguém poderia querer melhor escudeira –, percorreu praticamente o mundo todo, dando suas magistrais aulas e conferências nessas ocasiões.

“O que superioriza o caráter de um homem é a firmeza de princípios. Ser útil obriga a ser bom; ser bom, leva a ser firme; ser firme, significa ser forte. Neste instante histórico da vida humana em que rareia a abnegação pessoal despreendida de alto idealismo, no qual cresce, avassaladora, a onda de egoísmo, quando um indiferentismo sem norte e sem honra por vezes substitui convicções e os mais altos interesses espirituais e quando o homem se sente, muitas vezes, traído, é belo e reconfortante recordar a vida daqueles que trabalham na messe da Ciência com C maiúsculo, como você, preluentíssimo integrante desse exército” querido amigo:

A *Revista Ciência e Saúde*, órgão oficial da Incisa, em seu número 15, de abril/junho de 1999, que homenageia o professor doutor César Timo-laria, traz em seu bojo, além de numerosos artigos do grande professor, dois outros a seu respeito: um da doutora Marisa Amato, que termina com uma frase que, na minha opinião, é um verdadeiro achado: “Esse é o professor César Timo-laria”. E era mesmo doutora Marisa; e outro, do também grande professor Irary Novah Moraes, luminar de nossa Ciência Médica, que tem como mote a frase latina do poeta Virgílio:

“*Felix qui potuit rerum cognoscere causa*” (Feliz é quem sabe da razão das coisas) – no qual, além de discorrer sobre o que é ser paradigma, fala do mais ilustre professor de Fisiologia da elite cultural médica de nosso país, o professor doutor César Timo-laria.

Você, César, que, com tanto estoicismo, um estoicismo ímpar, e que com tanta dignidade enfrentou a inelutável doença que, por cruel ironia do destino, o vitimou, vai em paz querido amigo. Que a generosa terra brasileira que agora o recebe em seu seio lhe seja

leve. Como diz o Eclesiastes: “Sua memória durará, para nós, tanto quanto o sol”.

Como você mesmo disse em sua poesia *Ciclo*: “saudade, dor derradeira”. Esta é a dor que ficará conosco; mas ficarão, também, os exemplos de sua vida modelar.

Você cumpriu, com brilho inextinguível, a missão que tinha a cumprir aqui. Só as descobertas que trouxe para a nossa Ciência Médica sobre o sono (descobriu o centro gerador do sono, o fator natriurético atrial, os mecanis-

mos que regulam rigidamente a glicemia e o mecanismo da fome, entre outras tantas descobertas) bastariam para marcá-lo, mas você fez muito mais: espiritualoso e eclético, até sobre a história da pizza escreveu!

Obrigado por ter existido e ter dado, a todos nós, tantas lições, César!

Até um dia, AMIGO!

Newton Alves

é médico formado na Escola Paulista de Medicina

Homenagem ao doutor Octávio de Mesquita Sampaio

Josar de Carvalho Ribeiro da Silva

Uma auspiciosa notícia eu queria, com satisfação, transmitir aos meus companheiros da Academia de Medicina de São Paulo e da Associação Paulista de Medicina. Doutor Octávio de Mesquita Sampaio, infelizmente falecido recentemente, um mês após deixar sua função, foi Provedor da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo durante vários anos, desempenhando suas funções com extremada dedicação e amor.

No dia 31 de agosto último, foi amplamente homenageado pelos Mesários dessa benemérita Instituição de Caridade.

Por deliberação da Mesa Administrativa, ainda em vida do doutor Octávio, o novo Pronto-Socorro da Santa Casa recebeu o seu nome e, nesse dia 31, uma placa alusiva foi descerrada naquele local, sob os olhares dos usuários e de grande número de médicos e funcionários da Instituição.

Também nesse dia, seu retrato a óleo foi entronizado na Galeria dos ex-Provedores, no Salão Nobre da Casa, com a presença da esposa, filhos e familiares, além dos Mesários reunidos em sessão solene.

Foram dois atos relevantes e de grande significação de reconhecimento por sua atuação para a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Josar de Carvalho Ribeiro da Silva

é brigadeiro-médico, membro da Academia de Medicina de São Paulo e Mesário da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

Oração de recepção ao Acadêmico

Luiz Gonzaga Bertelli, na Academia Cristã de Letras



Os portões da Academia Cristã de Letras abrem-se para a sagração de um novo Acadêmico, um cavaleiro das Letras e da História que aqui adentra, em noite de gala, na qual celebramos as luzes que nos chegam.

Coube-me a nímia honra de proferir a oração de recepção ao novo Acadêmico Luiz Gonzaga Bertelli.

O ingresso formal de um candidato à titularidade sói tornar-se um ato solene, e uma das formalidades é apresentá-lo aos ilustres convidados.

Traçar, em síntese, o currículo intelectual e técnico-profissional de Luiz Gonzaga Bertelli é sobremodo estimulante.

Começarei mostrando aos senhores um pouco das atividades atuais do novel Acadêmico... apenas um pouco.

Ilustre filho de Dois Córregos, Bertelli é consultor de empresas, advogado, jornalista, professor universitário, diretor do Departamento de Infra-estrutura da Fiesp-Ciesp, coordenador da Câmara Civil de Gestão Energética da Associação Comercial de São Paulo, membro do Conselho Diretor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da Universidade de São Paulo, diretor de Comunicação Social da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial, membro do Conselho de Colaboração Cultural do Instituto Italiano de Cultura, membro do Conselho Empresarial do Instituto Superior de Empresa, do Conselho Instituto Mauá de Tecnologia, do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável, membro do Conselho Executivo do Instituto Uniemp.

Os senhores certamente notaram que foram citados vários cargos ocupados pelo ilustre Acadêmico, os quais são apenas alguns, pois muitos outros não foram mencionados. Entre eles, Luiz Gonzaga Bertelli é o presidente executivo do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), a maior organização não governamental em âmbito nacional, bem como é presidente da nossa amada Academia Paulista de História.

Essas atividades atuais, se a princípio parecem muitas para ser exercidas por uma única pessoa, são facilmente entendidas se virmos os antecedentes socioculturais de Luiz Gonzaga Bertelli, os quais mostram que sua natureza é votada à vida multifária de liderança.

Dirigir, presidir, coordenar, supervisionar são atividades (por que não?) inatas ao recipiendário Luiz Gonzaga Bertelli, cujas aptidões manifestam-se desde os bancos da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica, quando foi vice-presidente do Grêmio 22 de Agosto dessa tradicional faculdade paulista na qual se formou.

Logo a seguir, foi gerente do Banco Munhoz. Depois, gerente e assessor de diretoria do Banco Noroeste, assessor jurídico e secretário-geral da Sindigás. Diretor superintendente da Associação Brasileira dos Distribuidores de Gás Liquefeito de Petróleo, vice-presidente da Usina da Barra, de Açúcar e de Alcool, presidente da Fábrica Nacional de Silos, diretor da Supergasbrás, diretor da Onogás, diretor do Grupo Dedini, gerente da Copermarca, diretor superintendente da Associação das Indústrias de Açúcar e de Alcool do estado de São Paulo. Foi, ainda, diretor da Usina Colorado, diretor da Sucremex, diretor do Instituto de Organização Racional do Trabalho, coordenador do Conselho da Cesp e muito mais que tudo isso e aquilo.

É preciso aqui lembrar que Bertelli, ao lado de seus múltiplos afazeres, é

um renomado professor universitário, da Fundação Armando Álvares Penteado e professor de Comunicação da Fundação Casper Líbero. Ministra inúmeras palestras por todo o Brasil, promove congressos, coordena cursos e jornadas, mesas-redondas, tendo grande atuação entre os jovens.

Nesse momento, peço licença às senhoras e aos senhores para dirigir-me especialmente ao recipiendário.

Querido amigo, professor doutor Luiz Gonzaga Bertelli:

Vede quanto tendes dedicado à profissão em que vos tornastes mestre e doutor com elogios e louvores. Vede do que tratais nos textos que tendes publicado em livros e revistas especializadas que se encontram, por certo, nas mais exigentes bibliotecas culturais do nosso País. Vede tudo o que criastes de bom e de belo e trazei para esta Casa não somente os títulos e honrarias nas ciências e como operoso agente social, mas trazei-nos os dotes de bondade, de vosso catolicismo, de vossa querida família, de nosso querido e saudoso amigo e irmão, Antonio de Pádua Bertelli, um grande Acadêmico da Academia de Medicina de São Paulo, hoje aqui presente *in memoriam*.

Trazei vossa benemerência, a qual tendes demonstrado no exercício da presidência do Conselho da Igreja Perpetuo Socorro e da presidência do Conselho da Igreja Madre Cabrine, trazei-a a esta Academia Cristã de Letras, a vossa cadeira, nimbada pelo grande brilho do padroeiro Santo Antonio de Pádua e de Lisboa.

Sois imortal. Os 39 membros desta Academia vos proclamam e acolhem. Sejam de todos as boas-vindas. Sede feliz, felizes estamos.

Guido Arturo Palomba
é médico e membro da Academia
Cristã de Letras

Uma consulta com o Doutor Watson

Gladstone F. Machado

Aconteceu que estávamos em Londres, há 3 dias, e me sentia com uma persistente e incômoda dor de cabeça, sem quaisquer outros sintomas. Seria uma moderada hipertensão arterial, ameaçando o extenso programa turístico traçado? Não me recordava, em nenhuma das viagens anteriores, de coisa tão aborrecida.

Era com renovada alegria que visitávamos a civilizada e monumental capital inglesa, que sempre fazia jus às palavras do notável filólogo Samuel Johnson, que, já no século XVIII, afirmava: “Quando um homem está cansado de Londres, é porque está cansado da vida, porque em Londres há tudo que a vida pode oferecer.”

Era um dilema. Ir a um hospital para consulta médica estava fora de questão, pois eu queria apenas testar a pressão arterial, e lá não se mede esse dado clínico em farmácia. Ir ao consultório de um colega sem ter agendado a consulta previamente era um despropósito. O que fazer? Bem, vamos passear e esperar, procurando afastar pensamentos mórbidos.

Praticamente já havíamos visitado, em viagens anteriores, as principais atrações londrinas e arredores. Foi, então, que nos lembramos do museu de Sherlock Holmes, ainda não visto, na Backer Street, próximo ao museu de cera de Madame Tussaud, nas imediações do Regent Park, nosso velho conhecido, no qual algumas vezes descansávamos. E lá fomos nós, e eu com a tal dor de cabeça, mais aborrecido ainda com a extensa fila, acompanhando a visita com a lembrança dos livros de Sir Conan Doyle, um dos pioneiros do chamado conto policial, criador do famoso detetive Sherlock Holmes, livros que eram *best-sellers*, fascinando com sua trama inteligente a imaginação de todos. Notadamente o primeiro deles *Um estudo em vermelho*, no qual se conta a história de como Sherlock Holmes veio a conhecer o doutor John H. Watson, médico inglês, recém-chegado do Afeganistão, onde sofrera ferimentos de guerra, sendo encaminhado de volta a Londres, com merecida aposentadoria. Sherlock Holmes, nessa época, estagiava num laboratório de criminalística, adquirindo conhecimentos práticos nessa área, aperfeiçoando seus conhecimentos para, com sua extraordinária intuição, solucionar futuramente, através de métodos dedutivos, os inúmeros casos, inclusive orientando o Inspetor Lestrade, da Scotland Yard.

Apresentados por um amigo comum, resolveram morar juntos, temperamentos tão diferentes, precisamente no n. 221 B da referida Backer Street.

O colega Conan Doyle, médico oftalmologista de pouca clínica, com bastante tempo disponível em seu consultório, aproveitou as horas vagas para criar notáveis e interessantes histórias, recebendo, em vida, grandes homenagens como escritor, inclusive o nobre título de SIR.

Ao comprar a entrada do museu, adquiria-se junto uma cópia do contrato que ambos fizeram com a proprietária do referido imóvel, especificando as condições de pagamento, bem como os direitos e deveres que os senhores Sherlock Holmes e Watson se comprometiam a cumprir. Após ver as fotos de praxe (permitidas) e visitar as dependências, nas quais encontramos vívidas recordações do célebre detetive, seus objetos pessoais, entre eles, o famoso cachimbo, o violino, livros, retratos e notas de jornal, eis que encontro o quarto do doutor Watson, onde imperava a simplicidade, em cuja escrivaninha, numa feliz coincidência, estava sua surrada maleta de médico, semi-aberta, exibindo um aparelho de pressão arterial e estetoscópio, novos e modernos. Numa fração de segundo, sentei-me, aparentando ares profissionais e à disposição de algum turista que se aventurasse naquele quarto, pois meu intuito era passar por um funcionário do museu. Então, retirei os aparelhos e consegui tranquilamente medir a pressão arterial, que se achava normalíssima, sumindo, como por encanto, a incômoda dor de cabeça.

À noite, chegando em casa, comentamos o caso, eu e Helena, com nosso anfitrião, o filho Ricardo, que, na época, fazia o doutorado no Imperial College. Após ouvir a história, um tanto escandalizado e já assumindo postura londrina, nos advertiu, falando da sorte que tivemos de o museu não ser estatal, pois nestes a multa por tal brincadeira pode chegar até a uma centena ou mais de libras. Mas valeu a consulta com o doutor Watson, rápida e de resultados satisfatórios.

Gladstone F. Machado
é especialista em Cirurgia Torácica
pela SBCT, membro emérito do Colégio Brasileiro
de Cirurgões e Cronista

Carlos da Silva Lacaz

Arary da Cruz Tiriba

Em 1960, aconteceu em São Paulo um curso de especialização que marcaria época na área da medicina dos trópicos. No Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, transcorreu o primeiro programa para formação do médico tropicalista. Reuniu cerca de três dezenas de alunos, das Américas e da Europa; o grupo discente era composto por médicos já voltados para o estudo das doenças arroladas entre as tropicais. Entre os inscitos, naquele ano, muitos já eram professores e pesquisadores renomados, mas, ao término da especialização, saíam ainda mais engrandecidos pelo espírito epicentral emanado do Mestre e idealizador do curso, Carlos da Silva Lacaz. Simplesmente admirável como Lacaz conseguiu reunir a plêiade de cientistas para o desenvolvimento da programação que transcorreu com aproveitamento absoluto e precisão matemática. Posso incorrer em injustiça por não citar todos os nomes do corpo docente do primeiro curso (são passados mais de 40 anos), mas não esqueço as preleções, pródigas em experiência – clínica, laboratorial e epidemiológica –, emanadas de João Alves Meira, Dácio Franco do Amaral, Cláudio Ferreira, José Maria Ferreira, Leônidas Deane, Maria Deane, Luiz Rey, Vicente Amato Neto, Ricardo Veronezzi, Luiz Hildebrando, Rachid Trabulsi, Abílio Martins de Castro, Rubens Campos, Renato Piza Carvalho, Celeste Fava Neto, Dácio Pinheiro, Thales de Brito, Samuel Barnsley Pessoa... Ninguém mais, senão ele, Lacaz, para reger com maestria uma tal orquestra de notáveis em ciência. Porque seu entusiasmo nos empreendimentos era atraente e contagiante.

O muito que há para falar do Mestre é sempre pouco, tal a influência que semeou entre seus discípulos que procederam dos diferentes cantos do Brasil, da Europa, da África, da América do Norte e, sem exceção, das repúblicas latino-americanas.

De extraordinário, em Lacaz, o quê? A universalidade; os braços abertos a todos os que desejassem o aprimoramento; a pontualidade nos compromissos docentes; a atividade incansável e irrequieta; as demonstrações clínicas das ocorrências micóticas; a obstinação em reagir e em recriar; a fala incansável pela humanização da profissão.

A paixão de Lacaz? Sua Faculdade, a *Casa de Arnaldo*. A jóia artesanal? O Instituto de Medicina Tropical, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. A última Instituição? O Museu, da mesma Faculdade. A derradeira obra literária? A narrativa da *Roda da Santa Casa*, com o caso, particularíssimo, de um grande cidadão paulista: o querido e competente colega, médico, que despontou para a sociedade pela *Roda*, em cujo futuro estava marcado que palmilharia as duas grandes Escolas, a *Paulista* e a *Pinheiros*.

Sua agenda fiel de compromissos? A operosa secretária, Ercy. Sua usina de energia? A incomparável companheira, sempre ao seu lado, a esposa, dona Dinah!

Lacaz, até os 86 anos, o sempre-menino! A imagem que nos deixa.

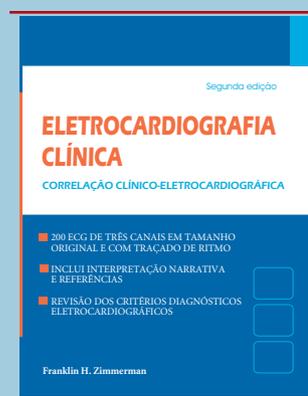
Arary da Cruz Tiriba

é professor titular (aposentado, em atuação voluntária) da Unifesp/EPM e responsável pela disciplina de Didática Aplicada ao Pesquisador Científico da Coordenação dos Institutos de Pesquisa da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo

Eletrocardiografia clínica

A Atheneu Editora São Paulo acaba de lançar a 2ª edição do livro *Eletrocardiografia clínica*, de Franklin H. Zimmerman, que trata da correlação entre a clínica e a eletrocardiografia. É uma obra bastante esquemática e traz 200 eletrocardiogramas, no tamanho original (o que facilita o estudo comparativo), acompanhados de breve história clínica. São apresentadas condutas, com os devidos comentários e indicações de leitura complementar.

É obra muito útil para os médicos que interpretam eletrocardiogramas e, de modo especial, para estudantes que visem à obtenção de título de especialista em cardiologia, ou graduação, ou proficiência em eletrocardiografia. É interessante notar que há uma seção inicial com critérios padronizados para diagnóstico eletrocardiográfico.



DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinematoca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.